



SABER-SE CORPO

Ensaaios sobre Desporto, Cinema e Motricidade
Alfredo Teixeira e Inês Espada Vieira (Coord.)

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA



Título Saber-se Corpo
Ensaaios sobre Desporto, Cinema e Motricidade
Autores Ana Maria Pereira, José M. Pazos Couto, Eugenia Trigo,
Sergio Alejandro Toro Arévalo, Javier Feliciano Vega Ramirez,
Eivar Fernando Vargas Polanía, Inês Mendes Gil,
Eduardo Cintra Torres, Rui Manuel Brás, Inês Espada Vieira
Coordenação Alfredo Teixeira, Inês Espada Vieira
Coleção Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência
Coordenação científica Alfredo Teixeira, João Eleutério

© Universidade Católica Editora

Revisão editorial Ana Cunha, Belén Álvarez Motalbán
Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS
Imagem da capa John McEnroe, Roterdão, 1979 (ABN AMRO World Tennis Tournament).
Fotografia de Rob C. Croes (Wikimedia Commons)
Paginação Magda M. Coelho | acentográfico
Impressão e acabamento Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.
Depósito legal 0
Tiragem 500 exemplares
Data dezembro 2020

ISBN 9789725407509
ISBN e-Book 9789725407516

Universidade Católica Editora
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020
uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt



SABER-SE CORPO
Saber-se corpo : ensaios sobre desporto, cinema e motricidade / coord. de
Alfredo Teixeira, Inês Espada Vieira. – Lisboa : Universidade Católica Editora,
2020. – 168 p. ; 23 cm. – (Cátedra Manuel Sérgio. Desporto, ética e
transcendência). – ISBN 9789725407509. ISBN 9789725407516 (E-book)
I – TEIXEIRA, Alfredo, 1965- , coord. II – VIEIRA, Inês Espada, coord. III – Col.
CDU 796
796.012
791.43

Introdução

Alfredo Teixeira¹ | Inês Espada Vieira²

O presente volume da coleção «Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência» reúne, nas suas partes, dois itinerários distintos, mas articulados a partir de uma inspiração comum – o pensamento de Manuel Sérgio relativamente à condição motriz da experiência humana, com uma particular atenção às culturas desportivas. A primeira parte reúne textos que dão conta da receção do paradigma da motricidade humana, numa ampla rede que se distribui pelo espaço latino-americano. A segunda parte, reúne os textos resultantes do primeiro «Seminário Manuel Sérgio», realizado entre 7 de novembro e 5 de dezembro, de 2019. Este seminário modular – nesta primeira edição consagrado ao tema «Cinema e Culturas Desportivas» – apresenta-se como um instrumento decisivo para a missão da Cátedra, no que concerne aos seus objetivos formativos e à sua responsabilidade na disseminação do conhecimento.

O problema da complexidade do fenómeno humano é o cerne do pensamento de Manuel Sérgio. Na perseguição de um fulcro perspetívico, o filósofo encontrou na Motricidade Humana o impulso para propor uma gramática para essa complexidade. O desporto é um laboratório privilegiado para a

¹ Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, é Diretor do Instituto de Estudos de Religião e investigador do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião e do Centro de Estudos de História Religiosa. Investiga sobre a morfologia das identidades e instituições religiosas, e sobre as metamorfoses do sagrado contemporâneo.

² Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura e Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Doutorada em Estudos de Cultura, investiga sobre cultura e conflito, cultura espanhola, relações entre intelectuais portugueses e espanhóis (século xx). É tradutora de e para a língua espanhola e autora de *Intelectuais, Modernidade e Memória* (2012).

compreensão da Motricidade Humana, mas não o único. Dança, ergonomia, reabilitação, motricidade infantil, entre outros – a que se pode acrescentar a ritualidade, enquanto expressão do religioso motriz –, alargam o terreno da sua indagação.

A centralidade da noção de transcendência tem-se aprofundado nos seus escritos mais recentes. É nesse movimento intencional de transcendência que o ser humano toma consciência de que não é objeto, mas sujeito da história, de que não é apenas reflexo da sociedade, mas também projeto a realizar. Saber-se corpo, reconhecer-se como identidade corpórea é, na ótica de Manuel Sérgio, o motor dessa tomada de consciência. Marcado pelo testamento intelectual de Teilhard de Chardin, Manuel Sérgio traz uma renovada energia utópica para a hermenêutica da cultura, propondo uma ecologia do humano que não está cativa dos dualismos ocidentais. Como observou Pierre Bourdieu, o que se representa na cultura sob a forma mais espiritual ou imaterial (*état d'âme*) deve compreender-se a partir da sua inscrição na materialidade social de uma estrutura (*état de corps*).³ Para Manuel Sérgio não se trata apenas da sociedade, enquanto corpo, mas da própria identidade corpórea e motriz, reveladora da «relacionalidade» do humano.

A primeira parte deste volume documenta bem a amplitude da receção do pensamento de Manuel Sérgio. O ensaio de Ana Maria Pereira retoma a vocação educacional do programa do filósofo português. Nos fundamentos e os pressupostos da Motricidade Humana, a autora encontra o impulso para a renovação dos saberes e das práticas dos profissionais que trabalham com a condição motriz numa lógica de desenvolvimento humano e não apenas em função de objetivos produtivos ou performativos. Ginástica, dança, desporto, luta, jogos, circo, prevenção e reabilitação são, nesta ótica, lugares de liberdade e de aperfeiçoamento humano. Este universo prático é, na perspetiva de Manuel Sérgio, um lugar de passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade.

Para José M. Pazos Couto o desporto necessita de uma aproximação multimodal, tendo em conta a sua complexidade: espetáculo, atividade profissional, jogo, processo educativo, ócio, exercício físico. A nomeação desta diversidade de dimensões indicia aquela complexidade – que não é outra,

³ Esta perspetiva boudieusiana pode ser documentada em: Pierre Bourdieu, *Le sens pratique* (Paris: Les Éditions Minuit, 1982), 111-134.

diferente da complexidade humana. Pensar o desporto é pensar o cerne do humano. E é, por isso, que a interrogante ética acompanha de forma ineludível as aproximações ao desporto, na perspetiva da Motricidade Humana. A prioridade desta interrogação decorre da observação das consequências da mercantilização e industrialização do desporto moderno. Num domínio onde a cultura competitiva se absolutizou, uma ética desportiva, a partir da filosofia da Motricidade Humana, exige a reconsideração do outro como imprescindível, na experiência pessoal ou grupal do desporto. Nesta ótica, as práticas desportivas celebram a cooperação. A superação de limites é, assim, um exercício de ascese e libertação pessoal e não o resultado de um jogo de ultrapassagem ou esmagamento do outro.

Pertence a Eugenia Trigo uma das tentativas mais esforçadas de alargamento do campo próprio do paradigma da Motricidade Humana. O seu projeto de recomposição do legado de Manuel Sérgio passa pelo aprofundamento da Motricidade como eixo do mundo da vida. A partir deste ponto de vista, a vida não pode ser capturada por uma atividade humana em particular: a Motricidade é, na perspetiva de Eugenia Trigo, o que me permite ser-e-estar-no-mundo, livre e consciente. Os conceitos de «vida motrícia» e de «motricidade vital» dão conta de uma reelaboração da Motricidade Humana enquanto ecologia integral. A autora explora as consequências, para o conhecimento, do pressuposto de que somos seres corpóreo-motricios, bem como da evidência de que, fora do corpo, só existem outros corpos. Assim, esta epistemologia, convida a uma «investigação encarnada», na qual se estudam os diferentes procedimentos corpóreos que empregamos para enfrentar os problemas decorrentes dos nossos modos de habitar o mundo.

A primeira parte desta viagem a novos lugares de reelaboração da Motricidade Humana, acompanha também esse movimento decisivo na história das moldagens recentes das ciências sociais e humanas: o movimento de *cultural turn*. A força das ideias de Manuel Sérgio dilata-se, na medida em que a sua teoria do conhecimento pode ser confrontada com a espessura da diversidade cultural, em termos socioantropológicos. A esse desafio respondem, a partir do Chile, Sergio Alejandro Toro Arévalo, Javier Feliciano Vega Ramírez e Eivar Fernando Vargas Polanía. Os autores reelaboram a Motricidade Humana a partir de uma exploração da identidade «Abya Yala». O termo, com origem em línguas nativas, na geografia latino-americana, é usado como forma de renomeação das identidades indígenas, num contexto pós-colonial,

como alternativa ao nome «América». Este léxico transporta a energia de um movimento cultural de revalorização das sabedorias e espiritualidades nativas, que passa pela desocultação dos substratos antropológicos característicos destes povos (Mapuche, Aymara, Kogui, Kalapalo, Coregueje e Nasa, entre outros). Os autores passam em revista as grandes tendências do pensamento antropológico, nas suas fontes gregas, judaicas e cristãs, em particular, as diferentes concepções dicotómicas, dualistas ou hilemórficas, para as confrontar com uma outra antropologia, qualificada pela sua recusa da fragmentação do humano. Os autores guiam-nos na descoberta da motricidade-espiritualidade Abya Yala. Nesse contexto, deve falar-se de «relacionalidades», conceito que deve substituir o de «racionalidades». O termo de substituição apela a uma concepção de vida marcada por um movimento em espiral, que permite descobrir a pluralidade não dicotómica de todas as suas manifestações. Nada está fora deste movimento em espiral. No quadro de um idioma de recorte holístico, a espiritualidade Abya Yala orienta-se para a relação com o todo que constitui a existência, compreendendo a terra como fonte e reservatório de todas as expressões de vida. Se motricidade é compreendida como desdobramento existencial, a espiritualidade apresenta-se como o *ethos* do cuidado de viver. A complexidade, objeto nuclear da Motricidade Humana, transcreve-se, assim, numa poética da existência: a responsabilidade de tornar viável tudo o que está vivo. Nesta leitura da Motricidade Humana, acentua-se consciência de que cada ser é parte de uma rede de outros seres, e que a manutenção dessa rede permite a experiência de um contínuo de reciprocidades, em ordem a uma confluência existencial.

Continuando esta viagem pela nossa identidade corpórea – assumindo, como *medium*, o pensamento de Manuel Sérgio –, a segunda parte desta publicação reúne o resultado dos estudos apresentados no «Seminário Manuel Sérgio» de 2019, com a colaboração científica do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica Portuguesa. O Seminário propôs uma aproximação a diferentes narrativas fílmicas, tomadas como um laboratório privilegiado para a compreensão das culturas desportivas. A expressão «culturas desportivas» recolhe um conjunto amplo de práticas, técnicas, objetos, dispositivos, mitos, valores, narrativas e símbolos, próprios das modernidades múltiplas, observáveis tanto como campo especializado como parte das culturas do quotidiano. Neste seminário modular, em cada *workshop*, cada um dos especialistas convidados ensaiou uma proposta de

leitura de um filme. O artefacto fílmico é aqui tomado, entre outras dimensões, como objeto estético, dispositivo de mediação cultural e modalidade de conhecimento, favorecendo as possibilidades de debate sobre as práticas, as narrativas e os valores desportivos.

São quatro olhares sobre quatro objetos fílmicos que, na sua evidente diversidade, nos conduzem num caminho plural sobre o desporto, a transcendência e a superação, sobre escolhas, sobre regras, sobre o bem e o mal – o corpo, individual e social, continua a ser, aqui, um lugar plural de indagação ética. Em cada filme, acompanhamos um protagonista cuja vida é centrada no desporto, amador ou profissional. Essa diferença, porém, não é fundamental para a história e para a *agonia* (conceito tratado por Rui Manuel Brás) pela qual vão passar.

No primeiro ensaio, Inês Mendes Gil apresenta-nos «A força de viver em *A Solidão do Corredor de Fundo* de Tony Richardson», um filme realizado em 1962. É o único filme a preto e branco da nossa seleção e faz parte integrante do movimento *Free Cinema*, que durou de meados de 1950 a meados de 1960. A autora mostra-nos como os valores do *Free Cinema* estão presentes em *A Solidão do Corredor de Fundo*: um filme sobre a liberdade, sobre a importância do quotidiano e das pessoas que o habitam e nele sobrevivem.

Ao longo do seu ensaio, Mendes Gil, ela própria cineasta, coloca os nossos olhos em dois pontos de vista alternados: o ponto de vista do espectador, que observa os rostos das personagens enquadrados pelo arame farpado ou pelas folhas do chão, por exemplo, e o ponto de vista do realizador, ajudando-nos a ler com profundidade os planos na sua relação com a história e os ritmos da câmara em diálogo com o compasso da corrida. O olhar da câmara é o olhar primordial no *Free Cinema*: «Os filmes eram a preto e branco e o som era captado depois da rotação (para beneficiar de uma câmara totalmente livre).» (p. 111)

O corredor solitário do título é Colin Smith, um jovem institucionalizado, desestruturado, deslocado da ordem da sociedade que encontra na corrida ao ar livre, no meio da natureza, fora de uma pista com percurso marcado, fora da instituição onde está internado, o seu exercício de liberdade e ascese. Escreve a autora: «A corrida é o agir livre de Colin» (p. 104) e mais adiante «Colin Smith ensina-nos que apreender a viver livre é viver em harmonia consigo próprio. Viver é em si um trabalho, viver de forma íntegra, sem mentiras nem arrogâncias.» (p. 108). Por esta relação entre corpo e espírito (verdadeiramente livre

na natureza), o desporto que Richardson filma é um «desporto puro» (p. 112), em que o corredor não procura a meta, porque o objetivo da corrida não é a competição, nem a glória, nem o prémio. O objetivo da corrida é exterior a ela, é interior em Colin Smith.

Em «Entre o êxito e a consciência no desporto: o treinador de basquetebol universitário em *Blue Chips* [1994]», o segundo filme sobre o qual nos debruçamos, Eduardo Cintra Torres leva-nos para fora das linhas laterais do campo de basquetebol, para acompanhar o treinador Pete Bell e o dilema moral que terá de enfrentar. É um filme menos sobre o jogo, sobre ganhar ou perder, do que sobre as escolhas éticas que treinadores, agentes e jogadores têm de fazer.

Para Cintra Torres, o filme tem o tom de «uma suave tragédia» (p. 124), que se insinua desde o início e que está justamente relacionado com o problema moral e o inevitável desfecho da «queda (profissional) do herói» (p. 120). Trata-se de decidir se vale ou não a pena intrujar e quais as consequências dessa opção, como nos explica o autor destacando a importância do verbo *saber*: «Bell poderia, pois, fingir não saber, mas *ele sabe*, e saber é tudo para um homem que sabe ser necessário escolher entre o bem e o mal.» (p. 122)

Blue Chips é um filme típico de Hollywood como bem nos mostra Cintra Torres: é uma estrutura narrativa simplificada que se desenvolve como um caso real, construindo «uma sensação de realidade na ficção» (p.?) com personagens-tipo (o «campainha», Bell, o diabo que se chama Happy, a ex-mulher que é a amiga «grilo falante», entre outros), basquetebolistas conhecidos que desempenham pequenos papeis, a câmara que se move como que transmitindo um jogo em direto. E, a rematar, a coda e a «moral da história» que o autor expõe como uma reflexão que não perdeu a atualidade sobre a (falta) de ética no desporto, sobretudo os esquemas de corrupção que rodeiam o jogo.

Continuamos em Hollywood com o terceiro filme deste volume, «Perder e ganhar como homens: ética e estética do desporto em *Any Given Sunday* [1999]», apresentado por Rui Manuel Brás. Desta feita, emocionamo-nos com «o mais americano dos desportos» (p. 128), o futebol americano, sob o olhar de Oliver Stone, que nos mostra «o desporto atual enquanto negócio destruidor do prazer inerente ao jogo, em que o jogador é um herói efêmero que, no caso de um desporto coletivo como o futebol americano, só triunfará através do trabalho do grupo, mostrando que só dessa forma o atleta (e o indivíduo) poderá transcender-se» (pp. 128-129).

Antes de se debruçar em particular sobre este objeto fílmico, centrando-se sobre o «fator agónico que fazia parte do *éthos* grego» (pp. 132-133), o autor mostra-nos o desporto como forma de jogo. Desempenhando funções sociais importantes relacionadas com dimensões simbólicas e rituais desde a Antiguidade até aos nossos dias, a evolução a que assistimos no jogo-desporto tem sobretudo que ver com as regras do jogo e com a quebra dessas regras, com a dimensão de negócio (que se sobrepõe ao ócio) que Stone destaca e critica.

Espectadores no estádio ou na sala de cinema, colocados no terreno do jogo, diante do rosto suado do jogador em ação, estamos também diante do ser humano em vias de superação, perto de atingir em cada movimento (harmónico, quase coreografado) a excelência técnica. Este constante aperfeiçoamento técnico estará sempre intimamente ligado ao movimento de transcendência (ética, profissional, sistémica, entre outros) própria da prática desportiva de que as personagens de Willie Beamen (o jogador) e Tony D'Amato (treinador) são exemplos.

O estudo que encerra o volume é sobre um documentário: «*O Domínio da Perfeição*: o filme-ensaio sobre John McEnroe, o movimento e a vida», apresentado por Inês Espada Vieira. Viramos a página de Hollywood para o cinema francês e viramos também a página do século, agora centrados numa figura real, o tenista norte-americano John McEnroe que sofre uma inesperada derrota na final do torneio de Roland Garros a 10 de julho de 1984. McEnroe foi o número um do *ranking* mundial durante quatro anos e não voltará a ganhar nenhum torneio. Através da leitura dos jornais portugueses que publicaram notícias sobre essa final, regressamos a 1984 e podemos (re)conhecer o jogador exímio no serviço, quase sempre carrancudo, irascível perante árbitros, jornalistas e público.

O documentário parte de bobines de brutos filmados por Gil de Kermadec nos jogos de Roland Garros que o realizador, Julien Faraut, cose com filmes de estudo sobre o ténis, com os estudos do movimento humano do final do século XIX, com imagens de arquivo sobre a carreira de McEnroe, entre outros documentos de imagens e som, numa intertextualidade verbal e fílmica que, em aparente caos, constrói o retrato psicológico do protagonista: um atleta que toca a perfeição, mas que é um ser humano atormentado, adversário de si mesmo.

Apesar da centralidade da figura de McEnroe, este não é um documentário biográfico habitual. A autora insiste na preposição *sobre*: «[...] é um filme *sobre*

McEnroe [...] que recebe sobre si todo o pendor da câmara, da voz e do pensamento» (p. 160). Todas as nossas faculdades estão dirigidas para ele, para os seus movimentos fluidos, repetidos à exaustão, como se o movimento perfeito fosse a única maneira de existir. Em *O Domínio da Perfeição* imergimos «num complexo e fascinante discurso sobre a perfeição, a verdade, o cinema e o desporto, a imagem, sobre o movimento e a vida.» (p. 165)

O legado vivo de Manuel Sérgio é o traço que une intelectualmente a aventura deste livro. Os lugares de indagação são plurais. Os objetos, múltiplos. Mas a consciência de si como corpo em movimento, numa dinâmica intencional de superação, permite a constituição de uma alargada comunidade de saberes, como aqui se demonstra. Em causa não está apenas o sujeito-corpo, perante os seus limites. É também a sociedade-corpo que se implica, no jogo complexo da regra e da liberdade. Manuel Sérgio avisa-nos: «a motricidade (o corpo em ato) não deverá estudar-se apenas a uma luz científico-natural (nos termos clássicos), porque tudo é híbrido, tudo é físico e metafísico, o próprio corpo é utópico.»⁴

⁴ Manuel Sérgio, *Alguns Olhares sobre o Corpo* (Lisboa: Instituto Piaget, 2003), 38.